

O FIN'AMORS OCCITANO E A SUA NÃO IDEALIZAÇÃO

Roberta Bentes

Com apoio do professor Jacques Le Goff, tanto Christine Marchello-Nizia (apud LE GOFF, 2009, p. 275) e Danielle Régnier-Bohler (SCHMITT; LE GOFF, 2017, p. 57) apontam para o caminho da representação do fin'amors como um instrumento da sociedade feudal. De acordo com Marchello-Nizia, a ética cortês da relação entre o cavaleiro e a sua dama teria "uma função civilizadora de integrar o cavaleiro na sociedade feudal, compartilhando e apresentando seus valores" (BENTES, 2020, no prelo); enquanto Régnier-Bohler apresenta a triangulação amorosa presente nas narrativas das cansós como uma interpretação da "feudalização" da sociedade e seu contexto. Ainda que sejam pontos interessantes, tais hipóteses carregam consigo um discurso historiográfico que flui para a linguagem, em que a "a realidade tende a tornar-se textual, e não mais material" (DOSSE, 2017, p. 266), que como Roland Barthes afirma: "não passa de um 'efeito real', artifício do discurso historiador para introduzir um sentido na construção de uma ficção. No plano dos estudos históricos concretos o resultado disso são análises redutoras.". (BARTHES apud DOSSE, 2017, p. 266)

Com o Renascimento medieval (século XII), autores como Platão e os neoplatônicos ganharam espaço nas áreas do saber medieval, este tópico acabou sendo relacionado com a concepção do fin'amors por alguns teóricos românticos do século XIX - como Eduard Wechsler (apud D'ASSUNÇÃO BARROS, 2011, p. 213) – de que o fin'amors seria um amor idealizado. Ainda que saibamos que é durante século XIX que a busca incessante pelo medieval se intensifica, também é nesse momento que encontramos a emersão do amor idealizado que se inicia com Rousseau e desemboca no amor platônico e trágico de Schopenhauer. Tais conhecimentos se entrelaçaram e espalharam pelo tempo, caindo na classificação de um novo “mito” medieval.

Para materializar o fin'amors, devemos acessar os seus registros nos diversos Cancioneiros Occitanos que se encontram espalhados pelas Bibliotecas da Europa. René Neli (2009) introduz o fin'amors occitano como uma “evolução” do que pode ser interpretado como um “amor cavaleiresco”. Neste último, é disseminado que os favores das damas são conquistados através de façanhas guerreiras, trazendo uma valorização heroica à devoção às mulheres. A feminilidade idealizada aqui não traz em nenhum momento a pureza (castitaz) como uma virtude, diferente do que veremos a seguir. Essa Senhora teria a capacidade de proteger “magicamente” o seu cavaleiro, inspirando-o de coragem e valor. Assim, ele poderia se atirar na melê e ter uma “boa morte”, ou seja, uma morte heroica, tornando-o um guerreiro que teria “morrido por amar”. E se ainda assim vivo, sua recompensa seria a própria dama para si. (NELI apud HOUGARD, 2009, p. 17-18.) O amor cortês seria então, a submissão do poeta/cavaleiro à Senhora, mantendo-se em um papel humilde e subserviente, em que a “magia” que sua dama o cobriria, traria valor moral e cortesia perfeita, se distanciando em parte de um jogo de favores e lascívia e, sendo tomado pela pureza. A mistificação cortesã toma como objetivo final a melancolia amorosa, como a “verdadeira” morte por amor que os antigos cavaleiros buscavam em suas batalhas e agora envolvem os humildes trovadores. Deste modo, recompensa do poeta estaria direcionada para um breve beijo, alguns outros favores suaves ou lembranças de amizade.

A transição desse amor cavaleiresco para o amor cortês, segue o caminho de um afastamento do que seria a cultura não-cristã que prezava pela moral guerreira, seguindo para um mergulho em suas próprias contradições, que posteriormente se cercaria de uma maior presença dos ideais e morais cristãos nesses registros culturais. Mas antes mesmo de se estabelecer, em 1277 o Bispo de Paris condenou o Tratado de André le Chapelain (1150-1220), deixando impossibilitado aos poetas versarem sobre o “amor pelas Damas”, devendo se manter na linha de celebrar as virtudes daquelas jovens que fossem desposar. Isto resultou no nascimento da veneração à Santíssima Virgem (NELI apud HOUGARD, 2009, p. 24).

Segismundo Spina (1991, p. 18) introduz que “mais do que organização política e o argumento romântico do clima, [as cansós] militam outras causas, como as condições de existência e a concepção da vida”. Assolados pela tentativa de assegurar a liberdade individual, a Occitania tentou manter suas terras livres (alleux) isentas da servidão do regime feudal no Norte, com auxílio dos condes de Toulouse mostrando que a realidade

BENTES, R. O fin'amors occitano e a sua não idealização. Escrita da História e Literatura. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>. Acesso em 01 de Abril de 2022.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

social do sul da França não era correspondente a essa tentativa de dominação. Com isso pensamos que o fin'amors presentes nos cancioneros occitanos seria uma valorização e defesa de um modo de viver, sua memória e valores socioculturais (BENTES, 2019, p. 110) da região. Não seguindo um padrão e idealização única do amor, seria, assim, uma manifestação plural da narrativa sobre a mistificação presente na região, desvalorizando o mito de que o catolicismo teria dominado este contexto; incentivando uma leitura e escrita subjetiva e pessoal do que seria a doutrina do amor, para chegar ao objeto final que seria a admiração da dama e legitimação das virtudes cortesãs do poeta e sua senhora.

Percorrendo o mesmo caminho que a professora Marcella Lopes Guimarães (2012) defendemos a não demarcação de fronteiras inimigas entre as áreas de Literatura e História, e sim que nós, historiadores, a utilizemos como uma fonte para perceber outras dimensões de homens e mulheres na História.

Para saber mais

BENTES, Roberta. **Texto e imagem nos cancioneros occitanos**. Mss. BnF, Fr. 854 e 12.473. Dissertação. (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019. Acesso em : < [https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/63383/R - D - ROBERTA MACEDO DA GAMA BENTES.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/63383/R-D-ROBERTA-MACEDO-DA-GAMA-BENTES.pdf?sequence=1&isAllowed=y) >

GUIMARÃES, Marcella Lopes. “**A Literatura medieval: entre a prosa e a poesia**”. In: SILVA, Paulo Duarte; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. (Orgs.). *Ensaio de História Medieval: temas que se renovam*. 1ed. Curitiba: CRV, 2019, v. 1, p. 125-139.

ZINK, Michel. **Les Troubadours**. Une histoire poétique. Paris: Éd. Perrin, 2013.

BENTES, R. O fin'amors occitano e a sua não idealização. Escrita da História e Literatura. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>. Acesso em 01 de Abril de 2022.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

